

NOTAS SOBRE O RACIONALISMO DA PSICANÁLISE

João Francisco Duarte Júnior *

“É missão do artista penetrar tão longe quanto possível na busca do fundo secreto das coisas onde uma lei primordial entretém seu crescimento... Com o coração batendo, somos levados cada vez mais para baixo, para a fonte primeira”.

(Paul Klee)

LACAN E O TROPEÇO DO IMAGINÁRIO

A psicanálise foi o último golpe que o homem aplicou em si mesmo e que, mais uma vez, deslocou seu centro de gravidade. Galileu já o desequilibrara do centro do universo. Freud o deslocou do centro de sua consciência, deixando-o ainda mais longe de seu próprio saber de si. **Há forças subterrâneas (inconscientes) que atuam em mim, mas que escapam à minha consciência**, eis o postulado inicial.

Tendo afirmado a existência do inconsciente, Freud e a psicanálise abraçam então a tarefa de tentar entender e explicitar este jogo de forças que se realiza em seu interior.(1) Isto é, pretendem fazer do inconsciente, objeto da consciência. Mas não se encerra aqui uma contradição ? Não, pois o inconsciente sempre permanecerá inconsciente, deixando apenas entrever-se por meio de certos eventos do nosso existir. Ele se mostra no sonho, no chiste, no lapso, enfim, manda-me sinais de sua existência.

Mas é preciso entender tais sinais, porque eles nunca são o que aparentam ser. Seu sentido “verdadeiro” está oculto, encoberto pelo sentido aparente. Exigem de nós um trabalho de interpretação para se tornarem compreensíveis. Interpretar seria então buscar, num nível consciente, correspon-

(*)Psicólogo, professor da Universidade Federal de Uberlândia.

(1) Que o termo “interior” não desperte a imagem de um inconsciente similar a um continente, como uma caixa ou um jarro.

dência para estes sinais; passar o significado, de uma linguagem ininteligível inconsciente, para uma compreensível consciente.

Antes de levarmos adiante nosso raciocínio vamo-nos deter num ponto extremamente relevante. Foi dito atrás que o inconsciente jamais se desvelará totalmente, mesmo porque, supondo verdadeira a hipótese dele vir a tornar-se consciente, aniquilaríamos o próprio conceito de inconsciente e a psicanálise desmoronaria. O que queremos enfatizar é que Freud postula a existência de uma dimensão de vida maior do que a que podemos encerrar nos limites de nossa consciência. Nossa tematização esbarra em limites intransponíveis. Aqui fenomenologia e psicanálise concordam: para ambas o refletido, o tematizado, se exerce sobre um fundo de indeterminação, de irreflexão (buscando recuperá-lo). Como afirma DARTIGUES “a vida psíquica antecede e **excede** a reflexão consciente, ela comporta formações antigas que lhe escapam e determinam sua visada antes que ela tenha podido esclarecê-las refletindo-as”.(2)

Voltando ao problema da interpretação, trata-se, como dizíamos, de compreender esta dimensão irrefletida através dos instrumentos que a consciência dispõe. E ela dispõe de vários.(3) Mas psicanálise é ciência, e a ciência (como a filosofia) busca a inteligibilidade pela razão. A ciência, podemos dizer, desnuda o mundo vestindo-lhe a roupagem da lógica. Assim, os sentidos ocultos deverão se combinar e vir à luz sob o prisma racional, sob a lente dos pressupostos básicos da ciência moderna. Voltaremos à este ponto mais tarde.

A psicanálise, depois de Freud, seguiu por vários caminhos. Efetuou-se-lhe leituras diversas, a partir de diferentes métodos, dentro da ciência e/ou diferentes enfoques, nas filosofias que lhes servem de base.(4) É nosso interesse examinar, ao menos de passagem, uma dessas novas leituras da psicanálise: a de Jacques LACAN, desenvolvida a partir do método estruturalista. Para tanto seguimos basicamente a brilhante síntese de NOGUEIRA em: “A Linguagem como Verdade do Homem: Uma Tarefa Simplesmente Humana”.(5)

Para LACAN, em sua história de vida o indivíduo torna-se **sujeito** quando da aquisição da linguagem. Até então encontrava-se num estado

(2) André DARTIGUES, **O Que é a Fenomenologia ?**, pág. 53 (grifo nosso)

(3) Numa linguagem fenomenológica diríamos que são as várias formas de intencionalidade.

(4) Queremos crer que por trás de cada método em ciência exista uma filosofia, ou uma “visão de homem”, mais ou menos implícita.

(5) In **Reflexão**, nº 1, págs. 11 e ss.

de **pré-sujeito**, fortemente determinado pela “fusão originária”(6), ou seja, numa identidade total entre si mesmo e o outro; seus limites ainda não estavam demarcados, ele ainda não se possuía como **eu**. Neste caminho até a posse da subjetividade existem dois momentos cruciais. O primeiro se dá quando da experiência do espelho, que faz surgir, pela visão de uma imagem que o representa mas que não é ele, o “horizonte do simbolismo e da linguagem”. (7) Ainda nas palavras de NOGUEIRA: “O registro dominante nesta área é o **imaginário**. Ora, a imagem é o caminho para o símbolo”.(8) O segundo momento, o mais crucial, localiza-se na etapa edípiana, quando do advento da linguagem. Agora “ele vai poder dispor-se de si para situar-se no mundo como um **eu** capaz de distanciar-se das coisas para designá-las num verdadeiro ato de palavra”.(9) Instalou-se o **eu**.

Mas, quem é esse **eu**? Podemos dizer que é um eu sem unidade, dividido, pois ao ascender à linguagem (ao simbólico) o homem separa-se do “imediate originário”, distancia-se daquela dimensão primeira, vivida a nível de pré-sujeito. Este distanciamento torna-o um “ser ferido por uma carência fundamental”(10), ser que pelo resto de seus dias carregará em si o **desejo** (da fusão inicial) como seu fundamento. A linguagem, então, instaura uma divisão do sujeito, pois ela é simbólica, e os símbolos **indicam** um objeto (em nosso caso esta vida irrefletida) e **não são** o próprio objeto. Ao dizer **eu** o homem recorre a um processo simbólico de mediação entre um eu profundo (inconsciente, irrefletido) e um eu superficial (consciente). “Trata-se, em outros termos, da disjunção entre o **Eu** como sujeito da enunciação e o **eu** como sujeito do enunciado, que daí por diante vai acompanhar o sujeito em todas as realizações”. (11)

Dois discursos paralelos são proferidos então pelo sujeito: aquele pronunciado a nível consciente e o pronunciado a nível inconsciente. E é por isso que com o advento da subjetividade o homem se perde ao ganhar-se: agora que ele é **eu**, este eu está dividido em dois e, freqüentemente, ele vive no nível superficial do eu consciente, esquecendo-se de seu **outro** (eu).

Como dissemos linhas atrás, na assunção da linguagem instaura-se uma falha no ser do homem (a saber, a distância entre o irrefletido e

(6) cf. Nogueira, *op. cit.*, pág. 20.

(7) Idem, *ibidem*.

(8) *Loc. cit.*, pág. 21.

(9) Idem, *ibidem*.

(10) Idem, pág. 22.

(11) Idem, pág. 23.

o simbólico), que vai caracterizá-lo como **ser de desejo** (da fusão originária). Esta falha (este primeiro **significante**) é ocupada por uma imagem (o phallus), sobre a qual todo o peso do **desejo** se erigirá. “Daqui a **projeção** e tudo o mais que acompanha a função do imaginário”. (12) Quanto a este desejo básico, o princípio da realidade se encarrega de mostrar-lhe que sua realização é impossível, mas a despeito disso ele a buscará sempre, através do imaginário.

O trabalho do psicanalista seria o trabalho de um tradutor. Pela palavra pronunciada (discurso consciente) ele deve chegar ao sentido oculto (discurso inconsciente). E nisso LACAN é radical: a busca do sentido só é possível através da linguagem. Citando LEPAGNEUR: “A despeito do fato de Lacan ter aprendido sua arte em Freud e não na lingüística, podemos observar que o estruturalismo desse médico se revela estreitamente fiel à **primazia da língua** (...) e de suas leis na constituição como na decifração do homem”.(13) Assim, o homem é linguagem. E linguagem tal como a entendem os estruturalistas: com o significado provindo da **distinção** e **oposição** de significantes.(14) “Com efeito, as condutas humanas não são desenvolvimento de instintos naturais, mas linguagem. Os próprios instintos naturais devem – para Lacan – ser analisados nessa perspectiva...”(15)

Pela palavra, desta forma, é que o homem se torna realmente humano. “Dom da palavra ele cresce por ela rumo ao vértice do seu ser-homem. No entanto, esta caminhada se depara fatalmente com o **tropeço do imaginário** que petrifica seu discurso na superfície do ego”.(16) Como encontrar então sua **verdade** ? Através da interpretação (racional) psicanalítica. É ainda NOGUEIRA quem diz, a propósito dos efeitos dessa interpretação: “O narcisismo e todos os deslismos **especulares** que se instalam no comportamento, tornando o homem **presa do imaginário**, recebem um golpe profundo”.(17)

A IMAGINAÇÃO COMO PASSO PRIMEIRO

Pelo exposto, podemos destacar dois pontos principais que fundamentam o universo psicanalítico (especialmente o de Jacques Lacan):

(12) *Idem*, pág. 23.

(13) **Introdução aos Estruturalismos**, pág. 71 (grifos nossos).

(14) Um aprofundamento das noções de linguagem no estruturalismo foge aos nossos propósitos aqui. Mas o leitor interessado poderá obter uma boa visão deste assunto no artigo de NOGUEIRA, supracitado, ou na obra de LEPAGNEUR, também supracitada.

(15) H. LEPAGNEUR, *op. cit.*, pág. 73.

(16) NOGUEIRA, *op. cit.*, pág. 25.

(17) *Op. cit.*, pág. 28 (o último grifo é nosso).

1 — O ser do homem, na busca de sua plenitude, esbarra com a imaginação, que esconde de si suas verdades últimas.

2 — A compreensão dessas verdades deve-se procurar através de instrumentos (ou modelos) científicos e, portanto, racionais. (No caso de Lacan a inspiração para a criação desses modelos apela para a lingüística estrutural.)

Posto isso, desejamos desenvolver nosso raciocínio a partir da consideração do homem como ser da linguagem. A psicanálise estrutural identifica o ser do homem à linguagem, isto é, ele somente é, **na palavra e pela palavra**. Esta identificação, par a par, parece-nos um tanto perigosa na medida em que escamoteia uma dimensão maior, não encarcerável na palavra. Acreditamos, como FERREIRA, que “o pensamento, que só pode existir **na** palavra, não se confunde absolutamente com ela, porque é pelo menos sua virtualidade, o impulso a que a palavra exista. O pensamento existe nela, decerto; mas sobretudo **fá-la existir**. O pensamento é palavra expressa; mas antes de ser essa palavra é o impulso a que ela fale e, portanto, de algum modo a sua virtualidade”.(18) Assim, concluímos na impossibilidade da palavra abarcar o todo da vida. (Existem significações que não habitam o reino da palavra. Como **dizer** um quadro ? Ou uma sinfonia ?)

Já vimos que em LACAN o pré-sujeito impessoal adquire **pela** palavra a sua individualidade, deixando de ser pré-sujeito. Agora ele é um indivíduo, mas dividido em dois eus. De certa forma o pré-sujeito não morre, mas **passa** a existir **virtualmente** no inconsciente, sob a forma do desejo (de tornar-se novamente pré-sujeito). São os grilhões de ferro da palavra (e por detrás dela do princípio da realidade) que o fazem permanecer virtual. Só posso saber do desejo através das significações ocultas que ele instaura no inconsciente. E só posso conhecer tais significações pela palavra. Através das correntes busco conhecer o prisioneiro.

Desta forma, todo o jogo do desejo (para o psicanalista lacaniano) deve ser desvendado a partir das regras da linguagem, que este jogo segue. **O inconsciente é estruturado como uma língua**, eis a base do discurso lacaniano. O pré-sujeito que se consumiu no desejo tenta renascer, mas (disciplinadamente) na forma **lógica** de uma linguagem.(19) Como já dissemos linhas

(18) Vergílio FERREIRA, “**Questionação a Foucault e a Algum Estruturalismo**”, in Michel FOUCAULT, **As Palavras e as Coisas**, pág. XLIX.

(19) O que não significa na forma de uma linguagem lógica.

atrás, esta consideração faz estreitos os limites da atuação deste desejo, pois assim o prisioneiro só se mostrará ao balançar as cadeias que o prendem. Mas além de balançar as correntes não gritará ele também? E ao gritar, por um momento não se tornará livre?

O que estamos tentando questionar é a sujeição total do desejo à palavra. Não haverá dimensões em que aquele não se sujeite à esta, em que se satisfaça, eclodindo do pré-sujeito? Em outros termos: a fusão originária está perdida para sempre ou pode (pelo menos em instantes fugazes), vir a existir novamente? Acreditamos que a possibilidade exista. Conforme aponta BUBER, o ser do homem se realiza ao proferir as duas palavras-princípio: EU-ISSO e EU-TU.(20) Na primeira (EU-ISSO) vivemos nosso cotidiano, nossa separação, nossa individualidade. A segunda (EU-TU), quando proferida (e raras vezes o é), nos leva ao encontro total, à fusão. E esta fusão não pode ser explicada nem descrita, pois não cabe em mediações (como a da palavra). Ao tentar sequer entendê-la já nos afastamos dela; já somos um sujeito que se separa de um objeto, para conhecê-lo. (21)

Este encontro é a base para a experiência estética e a mística.(22) Nestas experiências, então, a fusão é o fator determinante. Porém, objetará o psicanalista, não serão estas experiências irrealis, frutos diretos da imaginação? (Lembremo-nos aqui que na caminhada até seu vértice, para Lacan, o homem **tropeça** no imaginário.) Nesta questão, centraliza-se toda a visão da ciência moderna (incluindo a psicanálise) a respeito do homem. Pois postula-se que nosso conhecimento deva ser **objetivo**. “Objetividade é aquela condição da consciência em que ela se disciplina para simplesmente refletir e reduplicar os dados da realidade”.(23) Isto é, nossos desejos e valores não devem interferir em nossa visão do objeto, pois senão teríamos dele apenas uma visão distorcida. “Ao ideal epistemológico de objetividade, assim, corresponde a exigência de que a imaginação seja eliminada, como origem de perturbações no processo de conhecer o mundo. Este mesmo ideal foi transportado para o campo da psicologia”.(24) Só conhecemos verdadeiramente o mundo quando somos objetivos, diz a ciência. Mas ser objetivo não é atitude natural do homem. Aliás, ser objetivo não é manter uma atitude; é, em última análise, crer num mito,

(20) Um ISSO não é necessariamente um objeto nem um TU uma pessoa. Pessoas e coisas podem ser ISSO ou TU.

(21) Martin BUBER, *Eu e Tu*.

(22) Preferimos o termo “mística” à “religiosa” pelas conotações institucionais que este último comporta.

(23) Rubem ALVES, *O Enigma da Religião*, pág. 16.

(24) Idem, *ibidem*.

como já o demonstrou a fenomenologia. A atitude desinteressada pregada pelo ideal objetivista não existe. O mundo é experimentado por mim de maneira emocional, justamente porque a cada momento minha vida está em jogo. (25) A própria construção de uma consciência objetiva é fruto da imaginação. “Antes de mais nada é preciso reconhecer que a imaginação é a forma mais fundamental de operação da consciência humana”.(26) Não podemos, desta forma, encará-la como fonte de erros cognitivos. Nem como fonte de patologia.

O conflito entre o desejo (princípio do prazer) e a realidade (princípio da realidade) se desenvolve durante toda a vida do homem. Mas o realismo da psicanálise afirma: a imaginação não pode satisfazer este desejo, ela não é real, pois não segue as leis da realidade. Mas, de que realidade ? Daquela **construída** a partir do conhecimento científico, lógico, objetivo e... racional. É a ela que o indivíduo normal deve ajustar-se, eliminando de si os vãos da imaginação, por serem irrealis.

Parece-nos que Jung foi o único dos discípulos de Freud que percebeu a direção racionalista que a psicanálise estava seguindo. E foi este, basicamente, o motivo que o levou a separar-se do mestre e trilhar sozinho caminhos quase opostos. A seguinte passagem, do próprio Jung, define sua posição: “Existem alguns índios na América do Sul que afirmam ser araras vermelhas, apesar de saberem muito bem que lhes faltam penas, asas e bicos. Isto porque, no mundo primitivo, as coisas não têm fronteiras tão rígidas como as das **nossas sociedades ‘racionais’**. Aquilo a que os psicólogos chama identidade psíquica, ou ‘participação mística’, foi afastado do **nosso mundo objetivo**. (...) Conosco estes fenômenos situam-se abaixo do limite da consciência e quando, ocasionalmente, reaparecem insistimos em dizer que **algo de errado está acontecendo**”.(27)

Assim é que se entende que, para LACAN, a compreensão do psiquismo profundo deve ser buscada através da linguagem. A volta ao irrefletido se dá através da linguagem, mas basicamente, da **linguagem encarada objetivamente** (estruturalismo). Trata-se de traduzir as significações da linguagem inconsciente para uma linguagem lógica, pois “a linguagem inconsciente (...) revela bloqueios passados, altera a leitura serena do ambiente, conferindo a elementos da situação presente significações que eles não têm **objetivamente**”.(28)

(25) Rubem ALVES, **Religião: Patologia ou Sanidade**, in **Reflexão**, nº 3, pág. 119.

(26) Rubem ALVES, **O Enigma da Religião**, pág. 15.

(27) C. G. Jung, in “**O Homem e Seus Símbolos**”, pág. 45 (grifos nossos)

(28) H. LEPAGNEUR, **op. cit.**, pág. 66 (grifo nosso)

Mas a esta outra linguagem mágica, a arte? Ao ser proferida por um sujeito, o que devemos fazer? Traduzi-la para uma significação lógica, entendê-la a partir da razão (somente)? Isto certamente seria matá-la. E é por isso que a arte está ausente do mundo estruturalista (e do psicanalítico): porque ela não é senão um apoio ao (ou uma desvirtuação do) discurso (racional) que devemos proferir. (29) Nestes mundos a arte busca desesperadamente tornar-se racional. “É a reflexão que paralisa, na crise aguda que sabemos, todas as artes de hoje, e reduz a pintura à expressão de si própria, e realiza o romance como romance do romance, e escreve o poema do poema, e reflete o teatro como espetáculo de si próprio — e realiza toda arte como uma autodevoração. A reflexão da palavra sobre si significa ultimamente que ela perdeu o seu destino. Não nos perguntamos como nos movemos, porque temos de nos mover; e raciocinar sobre o mover-nos leva a não darmos um passo. Interrogarmo-nos sobre a palavra significa profundamente que não temos nada para dizer...” (30)

Queremos crer que todo o fundo da irreflexão sobre o qual atua a razão não será jamais recuperado por esta. Neste fundo jazem todas as possibilidades humanas, a fazer constantemente da imaginação seu porta-voz. Imaginação que torna possível todo o universo humano e que permite ao homem **criar**... inclusive a psicanálise.

(29) V. FERREIRA, *op. cit.*, pág. III

(30) *Idem*, pág. XLV.